

Mais de 15 milhões de livros vendidos

LUCINDA RILEY

A CARTA SECRETA



Para Jeremy Trevathan

Nota da autora

Comecei a escrever *A carta secreta* em 1998 – há exatos vinte anos. Com vários romances de sucesso já publicados, decidi que queria escrever um *thriller* envolvendo uma família real britânica fictícia. Na época, a popularidade da monarquia enfrentava uma baixa histórica após a morte de Diana, princesa de Gales. O ano 2000 marcou o centenário da rainha-mãe, e a celebração oficial no país inteiro ocorreria logo após a data de lançamento prevista para o livro. Olhando em retrospecto, talvez eu devesse ter prestado mais atenção quando uma crítica antecipada sugeriu que o palácio de Saint James não gostaria do tema. Pouco antes da publicação, a divulgação em livrarias, os pedidos de compra e os eventos foram cancelados sem justificava, e a consequência foi que *Seeing Double* – “visão dupla”, como o livro foi batizado na época – mal chegou a ver a luz do dia.

Meu editor cancelou o contrato do meu livro seguinte e, embora eu tenha batido em várias portas à procura de outro, todas foram fechadas na minha cara. Na época, foi horrível ver minha carreira virar fumaça da noite para o dia. Por sorte eu era recém-casada e tinha acabado de começar uma família, de modo que me concentrei em criar meus filhos e escrevi três livros pelo simples prazer de fazê-lo. Hoje, quando penso nisso, vejo esse intervalo como uma bênção disfarçada, mas quando meu caçula entrou para a escola eu soube que precisava dar tudo de mim e reunir coragem para mandar meu manuscrito mais recente para um agente. Por segurança, mudei meu sobrenome, e após os anos de exílio fiquei extasiada quando uma editora comprou o título.

Alguns romances depois, meu editor e eu decidimos que estava na hora de *Seeing Double* ter uma segunda chance. É importante lembrar que, até

certo ponto, *A carta secreta* é um livro de época. Se eu fosse ambientá-lo no mundo atual, o enredo seria totalmente implausível devido ao progresso tecnológico, em especial com relação às ferramentas de alta tecnologia hoje utilizadas por nossos serviços de segurança.

Por fim, gostaria de reiterar que *A carta secreta* é uma obra de FICÇÃO, não tendo qualquer semelhança com a vida da amada rainha e de sua família. Espero que o leitor aprecie a versão “alternativa”, isso SE ela chegar às suas mãos desta vez...

LUCINDA RILEY

Fevereiro de 2018

Gambito do Rei



Movimento de abertura no qual as peças brancas sacrificam um peão e desviam outro, salvando-o das pretas

Prólogo

Londres, 20 de novembro de 1995

– James querido, o que está fazendo?

Ele olhou em volta, desorientado, então avançou cambaleando. Ela o segurou logo antes de ele cair.

– Estava tendo outra crise de sonambulismo, não é? Venha, vamos voltar para a cama.

A voz doce da neta o informou de que ele continuava neste planeta. Sabia que estava de pé por algum motivo, havia algo urgente que precisava fazer e vinha adiando...

Mas agora já não lembrava mais o que era. Desolado, deixou que ela praticamente o carregasse até a cama, maldizendo os membros cansados e frágeis, que o tornavam indefeso como um bebê, e a mente confusa, que mais uma vez o traíra.

– Pronto – disse ela, ajeitando-o na cama. – E a dor, como está? Quer mais um pouco de morfina?

– Não. Por favor, eu...

Era a morfina que estava transformando seu cérebro em geleia. No dia seguinte não iria tomá-la, e então conseguiria se lembrar do que precisava fazer antes de morrer.

– Está bem. Relaxe e tente dormir, então – ela o tranquilizou, afagando sua testa. – O médico já vem.

Ele sabia que não deveria pegar no sono. Fechou os olhos, desesperadamente buscando, buscando... fragmentos de lembranças, rostos...

Então a viu, tão nitidamente quanto no dia em que a conhecera. Tão linda, tão delicada...

– Está lembrado? A carta, querido – sussurrou ela. – Você prometeu devolver...

Mas é claro!

Abriu os olhos, tentou se sentar, e viu o semblante preocupado da neta acima dele. Então sentiu uma picada dolorida na parte interna do braço.

– O médico está lhe dando uma coisinha para acalmá-lo, James querido.

Não! Não!

As palavras se recusaram a se formar em seus lábios, e conforme a agulha penetrava seu braço ele entendeu que agora era tarde, já havia esperado demais.

– Eu sinto muito, sinto tanto – disse, arquejando.

A neta ficou observando enquanto as pálpebras do avô finalmente se fechavam e a tensão abandonava seu corpo. Encostou a bochecha lisa na dele e a sentiu molhada de lágrimas.

Besançon, França, 24 de novembro de 1995

Ela entrou devagar na sala e foi até a lareira. Fazia frio, e sua tosse estava pior. Com o corpo frágil, sentou-se numa cadeira e pegou sobre a mesa a última edição do jornal *The Times* para ler os obituários junto com seu habitual chá inglês do café da manhã. Pousou a xícara de porcelana, fazendo-a tilintar no pires, ao ver a manchete que ocupava um terço da primeira página:

MORRE UMA LENDA VIVA

Sir James Harrison, considerado por muitos o maior ator de sua geração, morreu ontem em sua casa de Londres, cercado por familiares. Ele tinha 95 anos. Um funeral só para os mais próximos acontecerá na semana que vem, seguido pela celebração de uma missa na cidade em janeiro.

O coração dela ficou apertado, e o jornal estremeceu entre seus dedos com tanta violência que ela mal conseguiu ler o resto. Junto ao texto havia uma imagem dele recebendo da rainha a Ordem do Império Britânico. Com lágrimas borrando sua visão, ela traçou com o dedo o contorno do perfil marcado, da farta cabeleira grisalha...

Será que ela poderia... será que *se atreveria* a voltar? Só uma última vez, para se despedir?

Enquanto o chá matinal esfriava intocado ao seu lado, ela virou a primeira página para continuar a leitura, saboreando os detalhes da vida e carreira de sir James. Sua atenção foi então atraída por outra pequena matéria mais abaixo:

CORVOS SOMEM DA TORRE

Os célebres corvos da Torre de Londres desapareceram. Segundo a lenda, as aves residem no local há mais de quinhentos anos, protegendo a Torre e a família real, conforme decreto de Carlos II. O guardião dos corvos foi alertado ontem no início da noite sobre o sumiço dos pássaros, e uma busca em todo o país encontra-se em andamento.

– Que os céus nos ajudem – sussurrou ela, sentindo o medo invadir as velhas veias.

Talvez fosse uma simples coincidência, mas ela conhecia muito bem o significado daquela lenda.

Londres, 5 de janeiro de 1996

Joanna Haslam atravessou Covent Garden correndo a toda velocidade, com a respiração pesada, arfando de tanto esforço. Esquivando-se de turistas e grupos escolares, por pouco não derrubou um artista em plena apresentação, quando, num movimento, sua mochila voou para trás dela. Chegou à Bedford Street bem no momento em que uma limusine parava em frente aos portões de ferro forjado que conduziam à igreja de Saint Paul. Fotógrafos cercaram o carro enquanto um chofer saltava para abrir a porta traseira.

Droga! Droga!

Com seu último resquício de forças, Joanna correu os poucos metros que faltavam até os portões que davam para o pátio calçado, e o relógio na fachada de tijolos da igreja confirmou que ela estava atrasada. Já perto da entrada, olhou de relance para o grupo de paparazzi e viu que Steve, seu fotógrafo, ocupava uma ótima posição, no topo da escada. Acenou e ele fez um sinal de OK com o polegar enquanto ela se espremia para passar pela multidão de fotógrafos aglomerada ao redor da celebridade que acabara de saltar da limusine. Uma vez dentro da igreja, viu que os bancos estavam abarrotados, iluminados pela luz suave dos candelabros pendurados no teto alto. Ao fundo, o órgão tocava uma música soturna.

Após mostrar sua credencial de imprensa ao recepcionista e recuperar o fôlego, ela entrou numa das fileiras de trás e sentou-se agradecida. Seus ombros se moviam a cada arquejo enquanto ela vasculhava a mochila em busca do bloco e da caneta.

Embora fizesse um frio gélido dentro da igreja, Joanna sentiu gotas de suor na testa; a gola rulê do suéter de lã de carneiro que vestira apressada agora grudava desconfortavelmente na pele. Ela pegou um lenço de papel e

assoou o nariz. Então, passando uma das mãos pelo emaranhado de cabelos escuros compridos, recostou-se no banco e fechou os olhos para recuperar o fôlego.

Apenas poucos dias depois da virada de um ano que havia começado de modo tão promissor, Joanna estava com a sensação de ter sido jogada do alto do Empire State. Em alta velocidade. Sem aviso.

O motivo era *Matthew...* o amor da sua vida. Ou, melhor dizendo, desde a véspera, o *ex-amor* da sua vida.

Joanna mordeu com força o lábio inferior, tentando não recomeçar a chorar, esticou o pescoço em direção aos bancos da frente, mais próximos do altar, e constatou aliviada que os membros da família que todos aguardavam ainda não tinham chegado. Ao olhar novamente para a porta principal, pôde ver que os paparazzi lá fora acendiam cigarros e mexiam nas lentes das câmeras. As pessoas na sua frente começavam a se remexer nos desconfortáveis bancos de madeira, sussurrando algo para quem estivesse ao lado. Ela correu os olhos rapidamente pela multidão e identificou as celebridades mais importantes a ser mencionadas em sua matéria, esforçando-se para distingui-las pela parte de trás da cabeça, a maioria grisalha ou branca. Enquanto rabiscava os nomes no bloco, imagens do dia anterior tornaram a invadir sua mente...

De maneira inesperada, à tarde, Matthew tinha aparecido à porta do seu apartamento em Crouch End. Depois das intensas comemorações de Natal e Ano-Novo, os dois haviam concordado que cada um ficaria no próprio apartamento para passar alguns dias tranquilos antes de recomeçar o trabalho. Infelizmente, Joanna passara esse tempo com seu pior resfriado em anos. Foi abrir a porta para Matthew abraçada a uma bolsa de água quente do Ursinho Pooh, usando um pijama de tecido térmico antiquíssimo e calçando um par de meias de dormir listradas.

Percebeu na mesma hora que havia algo errado quando ele permaneceu de pé junto à porta, sem querer tirar o casaco, os olhos se movendo depressa para um lado e para o outro, fitando qualquer coisa, *menos* ela...

Ele então lhe disse que andara “pensando”. Que não via futuro no relacionamento dos dois. E que talvez estivesse na hora de terminar.

– Já faz seis anos que estamos juntos, desde o fim da faculdade – disse ele, mexendo nas luvas que ela havia lhe dado no Natal. – Sei lá, eu sempre pensei que com o tempo fosse querer me casar com você... unir oficialmente as nossas

vidas, sabe? Mas esse momento não chegou... – Ele deu de ombros sem muita convicção. – E, se eu não sinto isso agora, não acho que vá sentir algum dia.

Joanna apertou a bolsa de água quente enquanto observava a expressão culpada e cautelosa de Matthew. Enfiou a mão no bolso do pijama até encontrar um lenço de papel úmido e assoou o nariz com força. Então o encarou diretamente nos olhos.

– Quem é ela?

O rubor se espalhou por todo o rosto e pescoço de Matthew.

– Eu não tinha a intenção de que isso acontecesse – balbuciou ele. – Só que aconteceu, e não posso mais continuar fingindo.

Joanna recordou a noite de réveillon que os dois haviam passado juntos quatro dias antes. Concluiu que ele tinha conseguido fingir muitíssimo bem.

Aparentemente, o nome dela era Samantha. Eles trabalhavam juntos na agência de publicidade. Ela era diretora de contas, ainda por cima. Tudo havia começado na noite em que Joanna estava na cola de um deputado do partido conservador por conta de uma pauta sórdida e não chegara a tempo da festa de Natal da agência de Matthew. A palavra “ clichê ” ainda ro-dopiava em sua mente. Mas então ela caiu em si: de onde vinham os clichês, senão dos denominadores comuns do comportamento humano?

– Eu juro, juro que tentei com toda a minha força parar de pensar na Sam – continuou Matthew. – Tentei mesmo, durante todo o Natal. Foi maravilhoso estar com a sua família em Yorkshire. Mas aí estive com ela de novo na semana passada, só para beber alguma coisa rápida, e...

Joanna estava fora do jogo. Samantha estava dentro. Era simples assim.

Tudo que ela conseguiu fazer foi encará-lo, com os olhos ardendo de espanto, raiva e medo, enquanto ele continuava a falar:

– No início eu pensei que fosse só atração. Mas é óbvio que, se eu sinto isso por outra mulher agora, não posso me comprometer com você. Então estou fazendo a coisa certa.

Ele a encarou, quase suplicando para que lhe agradecesse por sua nobreza.

– A coisa certa... – repetiu ela com uma voz apática.

Então irrompeu numa enxurrada de lágrimas congestionadas provocadas pela febre. De algum lugar muito longe, pôde ouvir a voz de Matthew balbuciando mais desculpas. Forçando-se a abrir os olhos inchados e encharcados de lágrimas, viu-o afundar, pequeno e envergonhado, na poltrona de couro gasta.

– Vá embora – disse ela por fim, com voz rouca. – Seu traidor mentiroso, cafajeste, hipócrita maldito! Vá embora daqui! *Vá embora daqui agora!*

Olhando em retrospecto, o que deixou Joanna realmente mortificada foi que Matthew nem sequer relutou. Ele se levantou, murmurando algo sobre diversos pertences deixados no apartamento dela, e sugeriu que se encontrassem para conversar quando a poeira baixasse. Em seguida, praticamente correu em direção à porta.

Joanna havia passado o restante da noite chorando ao telefone com a mãe, com a secretária eletrônica de seu melhor amigo, Simon, e com os pelos cada vez mais ensopados da sua bolsa de água quente do Ursinho Pooh.

Por fim, graças a generosas doses de antigripais e conhaque, apagara, agradecida pelo fato de ter os dois dias seguintes de folga para compensar as horas extras que havia feito na editoria de notícias antes do Natal.

Seu celular então tocou, às nove horas da manhã. Joanna ressuscitou do torpor induzido pelos remédios e estendeu a mão para o aparelho, rezando para que fosse Matthew, arrasado e arrependido pelo que acabara de fazer.

– Sou eu! – bradou uma voz áspera com sotaque de Glasgow.

Joanna disse um palavrão silencioso para o teto.

– Oi, Alec – respondeu, fungando. – O que você quer? Estou de folga hoje.

– Desculpe, mas não está mais. Alice, Richie e Bill mandaram avisar que estão doentes. Você precisa descansar em outro momento.

– Bem-vindos ao clube. – Joanna tossiu alto e de um jeito exagerado. – Desculpe, Alec, mas eu também estou péssima.

– Pense assim: você trabalha hoje, daí quando ficar boa pode aproveitar as folgas a que tem direito.

– Não dá, não dá mesmo. Eu estou com febre. Mal consigo ficar em pé.

– Então vai ficar tudo bem. É um trabalho sentada, na Igreja dos Atores de Covent Garden. Vai ter uma missa em homenagem a sir James Harrison às dez horas.

– Alec, *por favor*, você não pode fazer isso comigo. A última coisa de que eu preciso é ir sentar numa igreja cheia de correntes de ar. Já estou muito gripada. Você vai acabar indo a uma missa em homenagem *a mim*.

– Desculpe, não tem outro jeito. Mas eu pago o táxi de ida e volta. Depois você pode voltar direto para casa e me mandar a matéria por e-mail. Tente falar com Zoe Harrison, está bem? Mandei o Steve para tirar as fotos. Se ela estiver toda produzida, deve entrar na primeira página. A gente se fala depois.

– Droga!

Desesperada, Joanna tornou a afundar a cabeça dolorida no travesseiro. Então ligou para uma empresa de táxi da cidade e cambaleou até o armário a fim de encontrar um traje preto adequado.

Na maior parte do tempo, ela adorava aquele trabalho, *vivia* para aquele trabalho, como Matthew havia comentado muitas vezes, mas nessa manhã se perguntou seriamente por quê. Depois de passagens rápidas por um ou dois jornais regionais, fora contratada um ano antes como repórter júnior pelo *Morning Mail*, sediado em Londres, um dos periódicos de maior circulação no país. Seu cargo, no entanto, conquistado a duras penas, era pouco importante na cadeia alimentar, o que significava que ela não estava exatamente em condições de dizer não. Como Alec, o editor da seção de notícias, sempre fazia questão de lembrá-la, havia um milhão de jovens jornalistas ávidos para substituí-la. Suas seis semanas na redação tinham sido as mais difíceis até agora. Os horários eram cruéis, e Alec – que se alternava entre os papéis de feitor de escravos e profissional realmente dedicado – não esperava nada menos do que ele próprio estava disposto a dar.

– O que eu não daria para trabalhar na editoria de comportamento e estilo de vida... – disse ela, fungando, enquanto vestia um suéter preto não muito limpo, uma meia-calça de lã grossa e uma saia preta, em respeito à ocasião solene.

O táxi chegou com dez minutos de atraso, e depois ela ficou presa num engarrafamento monumental na Charing Cross Road. “Foi mal, não há o que fazer”, dissera o motorista. Joanna olhou para o relógio, enfiou uma nota de 10 libras na mão dele e saltou do táxi. Enquanto corria pelas ruas em direção a Covent Garden, com a respiração arquejante e o nariz escorrendo, ficou se perguntando se a vida teria como piorar.

Foi despertada dessa divagação quando as pessoas reunidas na igreja de repente se calaram. Abriu os olhos e se virou bem na hora em que os familiares de sir James Harrison começavam a entrar na nave.

Quem vinha na frente do grupo era Charles Harrison, filho único de sir James, hoje quase na casa dos 70. Ele morava em Los Angeles e era um aclamado diretor de filmes de ação de grande orçamento recheados de efeitos especiais. Joanna se lembrava vagamente de que ele havia ganhado um Oscar algum tempo antes, mas seus filmes não eram do tipo a que ela em geral assistia.

Ao lado de Charles vinha Zoe Harrison, sua filha. Como Alec imaginara, ela estava lindíssima num blazer preto justo com uma saia curta que deixava à mostra as pernas compridas, e tinha os cabelos presos para trás num coque bem-feito que realçava com perfeição sua beleza inglesa clássica. Era uma atriz em ascensão, e Matthew era louco por ela. Sempre dizia que Zoe lembrava Grace Kelly – pelo visto a mulher dos seus sonhos –, o que levava Joanna a se perguntar por que Matthew namorava uma morena alta e magrela de olhos escuros como ela. Sentiu um nó na garganta e apostou sua bolsa de água quente do Ursinho Pooh que aquela tal de Samantha era uma lourinha mignon.

Segurando a mão de Zoe Harrison vinha um menino de 9 ou 10 anos parecendo pouco à vontade de terno preto e gravata: Jamie Harrison, filho de Zoe, assim batizado em homenagem ao bisavô. Zoe tivera o menino com apenas 19 anos, e até hoje se recusava a dizer quem era o pai. Sir James defendera lealmente a neta e suas decisões, tanto a de ter a criança quanto a de guardar segredo sobre a paternidade.

Joanna pensou em como Jamie e a mãe eram parecidos: os mesmos traços elegantes, a pele clara e rosada, os imensos olhos azuis. Zoe Harrison o mantinha o mais afastado possível das câmeras – se Steve tivesse conseguido uma foto de mãe e filho juntos, ela provavelmente sairia na primeira página no dia seguinte.

Atrás deles vinha Marcus Harrison, irmão de Zoe. Joanna o observou quando ele foi se aproximando da fileira em que ela estava. Mesmo ainda pensando em Matthew, precisava admitir que Marcus Harrison era um “gato” de primeira categoria, como diria sua colega repórter Alice. Joanna o reconheceu das colunas de fofoca – nas quais ele aparecera recentemente ao lado de uma socialite britânica loura com três sobrenomes. Tão moreno quanto a irmã era loura, mas com os mesmos olhos azuis, Marcus se movia com uma postura segura e sedutora. Tinha os cabelos quase na altura dos ombros e irradiava carisma com seu blazer preto amarrotado e camisa branca aberta no pescoço. Joanna tirou os olhos dele. *Da próxima vez, pensou, vou escolher um cara de meia-idade que goste de observação de pássaros e filatelia.* Esforçou-se para lembrar o que Marcus Harrison fazia da vida – produtor de cinema iniciante, achava. Bem, ele com certeza tinha o físico certo para a profissão.

– Senhoras e senhores, bom dia. – O vigário falava do púlpito no qual estava apoiado um grande retrato de sir James Harrison cercado por coroas

de rosas brancas. – A família de sir James lhes dá as boas-vindas aqui hoje e agradece por terem vindo prestar homenagem ao amigo, colega, pai, avô e bisavô, e talvez o melhor ator deste século. Para aqueles dentre nós que tiveram a sorte de conhecê-lo bem, não será nenhuma surpresa saber que sir James fez questão de que esta não fosse uma ocasião triste, mas sim uma celebração. Tanto sua família quanto eu honramos esse desejo. Sendo assim, vamos começar com o hino preferido de sir James, “I Vow to Thee, My Country”. Queiram se levantar.

Joanna obrigou as pernas doloridas a se moverem, e agradeceu o fato de o órgão ter começado a tocar bem na hora em que sentiu o peito arquejar e foi obrigada a tossir alto. Ao estender a mão para pegar o folheto com a ordem da liturgia no banco à sua frente, outra mão pequenina e frágil, cuja pele translúcida deixava à mostra as veias abaixo da superfície, chegou antes da sua.

Pela primeira vez, Joanna olhou para a esquerda e examinou a dona daquela mão. Vergada pela idade, a mulher batia apenas na altura das suas costelas. Apoiada no banco, a mão com a qual segurava o folheto tremia violentamente. Era a única parte visível de seu corpo. O restante estava envolto num casaco preto que descia até os tornozelos, com um véu preto encobrindo o rosto.

Sem conseguir ler o folheto devido ao tremor contínuo da mão que o segurava, Joanna se abaixou para falar com a mulher.

– Posso ler junto com a senhora?

A mão lhe estendeu o folheto. Joanna o pegou e pôs numa posição baixa para a velha senhora também conseguir ver. Entoou o hino com uma voz roufenha. Quando a música terminou, a senhora teve dificuldade para se sentar. Joanna lhe ofereceu o braço em silêncio, mas a ajuda foi ignorada.

– Nossa primeira leitura hoje é o soneto preferido de sir James: “Doce rosa da virtude”, de Dunbar, lido por sir Laurence Sullivan, um amigo próximo.

Todos se sentaram pacientemente enquanto o velho ator caminhava até a frente da igreja. Então a voz famosa, encorpada, que já enfeitiçara milhares de espectadores em cinemas mundo afora tomou conta do ambiente:

– “Doce rosa da virtude e gentileza, lírio deleitável...”

Joanna foi distraída por um rangido atrás dela e viu as portas dos fundos da igreja se abrirem, deixando entrar uma lufada de ar gelado. Um recepcionista entrou empurrando uma cadeira de rodas entre os presentes e a posicionou no final da fileira oposta à de Joana. Depois que ele foi embora,

ela começou a perceber um chiado que fez seus próprios problemas respiratórios parecerem irrelevantes. A idosa ao seu lado dava a impressão de estar tendo um ataque de asma. O olhar se fixava em algum lugar para além de Joanna e, através do véu, seus olhos pareciam grudados na pessoa sentada na cadeira de rodas.

– A senhora está bem? – perguntou Joanna de maneira retórica, enquanto a mulher levava a mão ao peito, ainda sem tirar os olhos da cadeira de rodas.

O celebrante anunciou o hino seguinte e os presentes tornaram a se levantar. De repente, a mulher agarrou o braço de Joanna e apontou para a porta atrás delas.

Joanna a ajudou a se levantar, sustentando-a pela cintura, então praticamente a carregou até o final da fileira. Quando chegaram ao homem sentado na cadeira de rodas, a senhora se encostou no casaco de Joanna como uma criança em busca de proteção. Olhos gelados e cinza como aço se ergueram e se detiveram em ambas. Joanna estremeceu de maneira involuntária, desviou o olhar do homem e ajudou a senhora a percorrer os poucos passos até a entrada, onde havia um recepcionista postado numa das laterais.

– Esta senhora... ahn... ela precisa de...

– Ar! – exclamou a mulher senhora entre um arquejo e outro.

O recepcionista ajudou Joanna a fazer a senhora sair para o dia cinzento de janeiro e descer os degraus até um dos bancos que ladeavam o pátio. Antes que ela pudesse pedir mais ajuda, ele já tinha tornado a entrar na igreja e fechado as portas outra vez. Ainda apoiada em Joanna, a idosa afundou no banco, a respiração entrecortada.

– Quer que eu chame uma ambulância? A senhora não parece nada bem.

– *Não!* – disse a mulher, arquejando, e a força da sua voz desmentiu a fragilidade do seu corpo. – Chame um táxi. Quero ir para casa. *Por favor.*

– Eu acho mesmo que a senhora deveria...

Os dedos ossudos se fecharam ao redor do pulso de Joanna.

– Por favor! Um táxi!

– Está bem, espere aqui.

Joanna saiu correndo pelos portões para a Bedford Street e fez sinal para um táxi que passava. O motorista, educado, saltou e voltou com Joanna até a senhora para ajudá-la a ir até o carro.

– Ela está bem? A respiração da pobrezinha está parecendo fraca – disse ele para Joanna enquanto os dois acomodavam a senhora no banco de trás.

– Ela precisa ir para o hospital?

– Ela diz que quer ir para casa. – Joanna se debruçou para dentro do táxi.

– Onde é sua casa, aliás? – perguntou à senhora.

– Eu...

O esforço de entrar no táxi obviamente a deixara exausta. Ela ficou sentada sem dizer nada, arfando.

O taxista balançou a cabeça.

– Sinto muito, mas não posso levar essa senhora a lugar nenhum nesse estado, quero dizer, não sozinha. Não quero ninguém morrendo no banco de trás do meu táxi. Seria confusão demais. Posso levá-la se você também vier, claro. Aí a responsabilidade é sua, não minha.

– Eu não a conheço... quero dizer, estou trabalhando... eu deveria estar naquela igreja...

– Sinto muito – disse ele à mulher. – A senhora vai ter que saltar.

A idosa ergueu o véu e Joanna viu seus olhos azuis leitosos e aterrorizados.

– Por favor – articulou ela sem som.

– Tudo bem, tudo bem. – Joanna suspirou resignada e entrou no banco de trás do táxi. – Para onde? – perguntou com delicadeza.

– Mary... Mary...

– Não. Para onde vamos? – tentou Joanna outra vez.

– Mary... le...

– A senhora quer dizer Marylebone? – perguntou o taxista, do banco da frente.

A mulher aquiesceu com um alívio patente.

– Certo.

A senhora ficou olhando ansiosa pela janela enquanto o táxi partia em alta velocidade. Depois de algum tempo, sua respiração começou a se normalizar, e ela recostou a cabeça no encosto de couro preto e fechou os olhos.

Joanna deu um suspiro. Aquele dia estava ficando cada vez melhor. Alec ia crucificá-la se soubesse que ela fora embora cedo. Não iria engolir a história de uma velhinha passando mal. Alec só se interessava por velhinhas se elas tivessem sido espancadas por skinheads atrás do dinheiro da sua aposentadoria e deixadas à beira da morte.

– Estamos quase em Marylebone. Você poderia tentar descobrir o endereço? – pediu o taxista.

– Marylebone High Street, número 19.

A voz de sotaque refinado soou nítida e clara. Joanna se virou surpresa e encarou a senhora.

– Está se sentindo melhor?

– Estou, sim, obrigada. Desculpe ter lhe dado todo esse trabalho. Você deveria saltar aqui. Eu vou ficar bem.

Ela apontou para o sinal de trânsito no qual o táxi havia parado.

– Não. Vou deixar a senhora em casa. Já vim até aqui.

A mulher balançou a cabeça com a maior firmeza de que foi capaz.

– Por favor, para o seu próprio bem, eu...

– Já estamos quase lá. Eu ajudo a senhora a entrar em casa e volto.

A senhora suspirou, afundou um pouco mais para dentro do casaco e não disse mais nada até o táxi parar.

– Chegamos, princesa.

O taxista abriu a porta, e o alívio pelo fato de a velhinha ainda estar viva era evidente na sua expressão.

– Tome aqui.

A mulher estendeu uma nota de 50 libras.

– Infelizmente não tenho troco para tanto – disse ele, ajudando-a a saltar para a calçada e amparando-a até Joanna vir se postar ao seu lado.

– Aqui. Eu tenho. – Joanna entregou ao motorista uma nota de 20. – Me espere aqui, por favor. Volto num segundo.

A senhora já tinha se desvencilhado da sua mão e caminhava com um passo bambo na direção de uma porta ao lado de uma banca de jornal.

Joanna a seguiu.

– Quer que eu abra? – indagou, ao ver os dedos artríticos terem dificuldade para pôr a chave na fechadura.

– Obrigada.

Joanna girou a chave, abriu a porta, e a senhora quase se jogou do outro lado.

– Entre, entre, *depressa!*

– Ahn...

Depois de acompanhar a senhora até sua porta e garantir que ela estava segura, Joanna precisava voltar para a igreja.

– Está bem.

Com relutância, ela entrou. Na mesma hora, a mulher bateu a porta da frente e a fechou.

– Venha comigo.

Ela estava andando na direção de uma porta do lado esquerdo de um corredor estreito. Tateou em busca de outra chave, que por fim inseriu na fechadura. Joanna a seguiu para dentro da escuridão.

– A luz fica logo atrás de você, à direita.

Joanna tateou em busca do interruptor, acionou-o, e viu que estava em um saguão pequeno que recendia a umidade e mofo. Havia três portas à sua frente, e à sua direita um lance de escada.

A senhora abriu uma das portas e acendeu outra luz. Em pé logo atrás dela, Joanna pôde ver que o cômodo estava cheio de caixotes empilhados uns por cima dos outros. No meio do recinto havia uma cama de solteiro com uma cabeceira de ferro enferrujada. Junto a uma das paredes, imprensada entre os caixotes, uma velha poltrona. O cheiro de urina era perceptível, e Joanna teve ânsia de vômito.

A mulher foi até a cadeira e ali afundou com um suspiro aliviado. Apon- tou para um caixote emborcado ao lado da cama.

– Remédios, meus remédios. Pode me passar, por favor?

– Claro.

Joanna abriu caminho com cuidado pelo meio dos caixotes e pegou os remédios sobre a superfície empoeirada, reparando que as instruções de uso estavam escritas em francês.

– Obrigada. Dois, por favor. E a água.

Joanna lhe passou o copo d'água que estava ao lado dos comprimidos, então abriu a tampa de rosca do frasco, despejou dois comprimidos na mão trêmula e observou a senhora levá-los à boca. E se perguntou se agora poderia ir embora. Estremeceu, sentindo-se oprimida pelo cheiro fétido e pelo ambiente desolado daquele lugar.

– Tem certeza de que não precisa de um médico?

– Absoluta, obrigada. Eu sei o que tem de errado comigo, meu bem.

Um pequeno sorriso surgiu em seus lábios.

– Está certo, então. Infelizmente eu vou ter que voltar para a homenagem. Preciso mandar meu texto para o jornal.

– Você é jornalista?

O sotaque da velha senhora, agora que ela havia recuperado a voz, era refinado e definitivamente inglês.

– Sim. No *Morning Mail*. Num cargo bem júnior ainda.

– Qual é o seu nome, meu bem?

– Joanna Haslam. – Ela apontou para os caixotes. – A senhora está de mudança?

– Pode-se dizer que sim. – Seu olhar se perdeu ao longe, os olhos azuis opacos. – Não vou ficar aqui por muito mais tempo. Talvez seja certo tudo terminar assim...

– O que a senhora está dizendo? Por favor, se estiver doente, deixe-me levá-la até um hospital.

– Não, não. É tarde demais para tudo isso. Agora vá indo, meu bem, volte para a sua vida. Adeus.

A senhora fechou os olhos. Joanna continuou a observá-la até alguns segundos depois ouvir roncões suaves.

Sentindo uma culpa terrível, mas sem conseguir mais suportar a atmosfera daquele quarto, saiu sem fazer barulho e voltou correndo para o táxi.



A homenagem já tinha terminado quando ela chegou de volta a Covent Garden. A limusine dos Harrisons já partira, e apenas algumas das pessoas que haviam assistido à cerimônia continuavam reunidas do lado de fora. Sentindo-se agora realmente péssima, Joanna só conseguiu colher alguns depoimentos antes de chamar outro táxi e tentar esquecer aquela manhã em que tudo tinha dado errado.

CONHEÇA OS LIVROS DE LUCINDA RILEY

A garota italiana
A árvore dos anjos
O segredo de Helena
A casa das orquídeas
A carta secreta

SÉRIE AS SETE IRMÃS

As Sete Irmãs
A irmã da tempestade
A irmã da sombra
A irmã da pérola
A irmã da lua

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site. Além de informações sobre os
próximos lançamentos, você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

